

CONHECIMENTO, VERDADE E VIDA EM NIETZSCHE¹

Mauro Araujo de Sousa*

RESUMO: a teoria do conhecimento é um dos “núcleos duros” da filosofia e não há filósofo que não trate do assunto. Com Nietzsche não é diferente. O “miolo” da sua teoria do conhecimento é o perspectivismo, o que significa ter pontos de vistas os mais diferentes possíveis sobre um mesmo “objeto” para que haja mais e profundas “objetividades” (assim como o próprio Nietzsche utiliza em sua *Genealogia da Moral*, III, §12, 1998b), um maior número de olhares sobre uma mesma “coisa” para que ela possa ser vista de modo mais amplo e com clareza. A novidade e o desafio é que para compreendermos uma teoria do conhecimento a partir do filósofo, teremos que verdade e vida em Nietzsche são configurações da vontade de potência: relações de forças instituídas, sendo a vida o referencial de todos os valores expressos por essas relações, inclusive os valores morais e os de verdade.

Palavras-chave: vontades de potência – teoria do conhecimento – perspectivismo – vida – moral e verdade.

ABSTRACT: the theory of the knowledge is one of the “hard nucleuses” of the philosophy and there is no philosopher who does not treat the subject. With Nietzsche it is not different. The “flesh” of his theory of the knowledge is the perspectivism, which it means to have points of sights as different as possible on the same “object” so that there is more and deep “objectivity” (as well as the Nietzsche itself uses in his *Genealogy of the Moral*, III, §12, 1998b), a bigger number of glances on the same “thing” so that she can be seen in more spacious way and with clarity. The novelty and the challenge is that in order that we understand a theory of the knowledge from the philosopher, we will have which truth and life in healthy Nietzsche configurations of the will of power: relations of set up forces, being to life the referential system of all the values expressed by these relations, including the moral values and those of truth.

Key-words: wills to power – theory of the knowledge – perspectivism – life – moral and truth.

Introdução:

Tratar do perspectivismo é fazer uma abordagem sobre a “epistemologia nietzschiana” e sobre uma filosofia moral, uma filosofia dos valores. Com relação ao conhecimento, Nietzsche prefere afirmar que o processo pelo qual conhecemos algo é oculto. Estar consciente sobre alguma coisa é uma imaginação, e tudo o que deriva disso também é. Assim,

¹ Artigo publicado na Revista Portuguesa de Ética Prima Facie, n.7, 1. semestre/2011, ISSN 1647-1210. Apoio: Anistia Internacional de Portugal.

* Doutor em filosofia, mestre em Ciências da Religião e especialista em História pela PUC/SP. Possui pós-doutorado em filosofia pela UFSCar/SP. Professor da FACULDADE DE TECNOLOGIA MAUÁ (FATEC-MAUÁ / SP) e do Centro de Filosofia do INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE / SP.

conhecer é uma palavra carregada de um valor que remete à “causalidade” daquilo que se conhece. A própria causa, no caso, é um valor. Sendo desse modo, conhecer é um interpretar. Portanto, o conhecimento é uma avaliação da própria consciência que não se conhece e não se conhece porque ela própria, sem saber, já é resultado de uma outra modalidade de interpretação. Como? É uma interpretação das vontades de potência, que são forças, pulsões cosmológicas, as quais se relacionam e, ao se relacionarem, tomam disposições múltiplas e formam centros de forças se relacionando ou, em outras palavras, centros de vontade de potência. Tudo o que existe, nesse sentido, é interpretação de vontades de potência. E essas interpretações também são as vontades de potência. Em suma, tudo é vontade de potência, uma vez que tudo o que dizemos existir não é outra coisa que combinações de forças para o aumento do poder-força dos centros de vontades de potência. “O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder’, e nada mais” (NIETZSCHE, §36, 1998a).

O ser humano pensa que conhece alguma coisa, quando ele próprio é interpretação e não se sabe como tal. Ele é uma interpretação que também interpreta. Um centro de forças é uma interpretação, uma constituição que, por sua vez, em sua plasticidade e movimento, tanto gera como destrói interpretações. Isto é o “ser humano” interpretando. Quanto ao seu pensamento... Bem “[...] Por longo período o pensamento consciente foi tido como o pensamento em absoluto: apenas agora começa a raiar para nós a verdade de que a atividade de nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós” (NIETZSCHE, §333, 2001).

A teoria do conhecimento, na dimensão apresentada, toma um viés de exclusão da ação do sujeito para conhecer, de exclusão do próprio sujeito. Não há sujeito e nem objeto. Não há dualismos. Por isso, a relação fenomenológica que se dá na mente humana é uma imaginação. Sujeito e objeto são “criações do ser humano”, mas ele mesmo ignora que suas criações são efeitos, tal como ele, se formos falar em “causa e efeito”. Em Nietzsche, entretanto, causa e efeito é expressão de um engano da física. Onde está a causa de tudo? Como já foi mencionado, ela é desconhecida. A princípio, pode-se dizer que está nas forças, contudo essas pulsões do cosmo não são conhecidas. É esta a hipótese de Nietzsche, a qual ele mesmo denomina de vontade de potência. Porém, por mais que o filósofo tenha buscado uma explicação científica para dar sustentação à sua tese cosmológica, não obteve sucesso. Na sua época, a febre positivista havia tomado conta dele, o que o fez perseguir a factualidade de suas teorias. Não obteve sucesso nem na física, nem na biologia e outras ciências (Cf.

MARTON, Scarlett. O Eterno Retorno do Mesmo: Tese Cosmológica ou Imperativo Ético. In: NOVAES, p. 215, 1992). Por outro lado, a continuidade da hipótese de que tais forças existem, e se relacionam de inúmeras formas, está bem presente ainda quando lemos Nietzsche. E já não temos um Nietzsche simpático ao positivismo. Deste modo, o conhecimento, para o filósofo, não é outra coisa que uma tentativa de impor ordem ao caos, sem lançar mão do caos para desfazer certas ordens, isto é, ordem e caos são interpretações. Ordem e caos que o conhecimento, enquanto expressão racional, não conhece como vontade de potência e que, por isto, propõe como dualidade, ficando com o cosmo enquanto ordem e excluindo o caos como desordem, desorganização. Nietzsche não prevê uma ordem do modo como estamos acostumados, até porque cosmo e caos podem acontecer simultaneamente. Por exemplo: o que parece estar organizado como sendo nosso corpo, pode, neste exato momento, estar se decompondo enquanto esta “ordem”. Lembra-nos o “nós somos e não somos” de Heráclito, pois, em realidade, remete não à ontologia, mas ao devir.

A partir disto, meu artigo segue na abordagem de “causa e efeito” para chegar àquilo que pode ser a teoria do conhecimento em Nietzsche: seu próprio perspectivismo. E a perspectiva colocada não mais a partir do sujeito, mas de forças em relações, em interpretações, nos dá um novo colorido ao mundo obscuro do conhecimento, pelo menos nos fornece mais possibilidades de pontos de vistas. O que importa muito em se tratando de hipóteses e novas avaliações para novos valores e novos pontos de vista.

Causa-efeito e perspectivas para o conhecimento em Nietzsche:

O que Nietzsche pensa da teoria da causa e efeito?

Causa e efeito, essa dualidade não existe provavelmente jamais – na verdade, temos diante de nós um *continuum*, do qual isolamos algumas partes; assim como percebemos um movimento apenas como pontos isolados, isto é, não o vemos propriamente, mas o inferimos. A forma súbita com que muitos efeitos se destacam nos confunde; mas é uma subitaneidade que existe apenas para nós. Neste segundo de subitaneidade há um número infundável de processos que nos escapam. Um intelecto que visse causa e efeito como *continuum*, e não, à nossa maneira, como arbitrário esfacelamento e divisão, que enxergasse o fluxo do acontecer – rejeitaria a noção de causa e efeito e negaria qualquer condicionalidade (NIETZSCHE, §112, 2001).

O que temos nesta colocação? A invenção da causa e do efeito procurou uma explicação para tudo, quando mal descreveu o que é um processo contínuo. Nietzsche avança em sua análise e faz uma crítica ao que a tradição costuma tratar como ciência, como verdade em bases de causas e efeitos; contudo reconhece o “peso” que isto tem para todos nós:

A vida não é argumento. – Ajustamos para nós um mundo em que podemos viver – supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses

artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver! Mas isto não significa que eles estejam provados. A vida não é argumento; entre as condições para a vida poderia estar o erro (NIETZSCHE, §121, 2001).

De fato, muitas vezes, é possível percebermos na sociedade uma inversão de valores, principalmente nas “instituições produtoras de conhecimento”, ou seja, a base de avaliação para que algo se torne um valor fica à margem por conta de interesses vários. Esta base de avaliação somente pode ter fundamento na própria vida e o erro como uma possibilidade poderia estar presente em todas as verdades estabelecidas, já que o erro figura entre as condições para a própria vida existir. Isto faz-nos repensar e muito o que costumamos denominar como “perfeição”. Então, o que significaria mesmo conhecer? Acaso, não significaria viver de modo a entender que são muitas as perspectivas desta mesma vida e não forçá-las a uma única perspectiva? Este procedimento mais aberto é próprio do perspectivismo, que nada tem a ver com relativismo absoluto, pois o relativismo aqui é o das relações entre as forças ou, como também pode ser entendido, vontades de potência.

Então, nosso conhecimento racional, para o filósofo, só é possível via o perspectivismo da “pequena razão” (ela é o que estamos acostumados a chamar de razão, nossa razão. Cf. NIETZSCHE, p. 26, 1985. Obs.: a grande razão é o corpo), que fornece à mesma o modo que ela tem de “conhecer”. Quanto a isto, Nietzsche é enfático para qual é a melhor maneira de se conhecer algo. “[...] quanto maior o número de olhos, de olhos distintos que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, mais completo será nosso ‘conceito’ a respeito dela, mais completa será nossa ‘objetividade’” (NIETZSCHE. III, §12, 1998b).

Tão somente, conhecer é aprender a ver algo a partir de diversas perspectivas, o que amplia os horizontes sobre o que está sendo conhecido, o “objeto”². A clareza sobre as coisas pode advir deste processo de conhecimento. Pode... Porque pode também advir, junto com ele, a confusão. Aqui pontuo que se o perspectivismo, por um lado, amplia a visão sobre algo, por outro, gera tantos pontos de vista que a pequena razão terá propensão a entrar em um devaneio. Ficará à deriva porque não conseguirá “fechar” nada, em termos de chegar a uma definição da coisa. Ora tudo isto poderá levar à clareza, ora à confusão.

Mesmo correndo o risco, que possamos avançar: todo o conhecimento costuma lidar com conceitos, aliás todo conceito foi um modo de avaliar que se cristalizou. Conceito... Uma palavra carregada de valor, inclusive valor moral. Um conceito nunca é um “conceito em si”, logo o conceito nunca é metafísico. Mas, muitas vezes, parece ser este o entendimento que

² Note-se que o discurso aqui é dualista, porém contra o dualismo metafísico e fenomenológico do sujeito e objeto. É como se o discurso presente tivesse uma função de “vacina”, já que utiliza o próprio “vírus” para a imunização contra si mesmo.

imperar no mundo da escrita e da fala. O conceito, criação humana e criação esta que é interpretação de vontades de potência, ganha vida e preponderância sobre o seu criador, o homem. E ele, o homem, nem percebe o que está acontecendo. Este é o problema da conceituação, ou seja, a mente do ser humano se apoia em conceitos consagrados para conceituar o que está ao seu redor. Por outras vezes, ela também cria novos conceitos ou neologismos. Todavia, tudo isto é uma armadilha. Para que se entenda melhor o que trato aqui, dou o exemplo do dicionário, ao qual recorremos sempre para melhor “aprendermos” a usar um conceito. Um dicionário é um parâmetro conceitual e que dita o uso dos conceitos. É algo que se impôs e ganhou autoridade ao ser aceito. Não estou questionando a necessidade de conceitos expressos no dicionário, pois até precisamos disto e é, exatamente por isto, que o dicionário e seus conceitos existem. Vivemos de conceitos-interpretações. O questionamento é sobre o “endeusamento” dos conceitos, do dicionário e, desta monta, de um ou de alguns determinados conhecimentos. Será que os conceitos que utilizamos estão sempre diante de inúmeras perspectivas? Será que estão sendo questionados também? Bem, ao meu ver, o entendimento do conceito diz respeito diretamente à teoria do conhecimento e o perspectivismo, que é, entre outras coisas das quais trato aqui, o método nietzschiano que nos possibilita termos uma visão mais ampla do conceito. É um método para se compreender o conhecimento ao nível da nossa pequena razão, mas que, ao mesmo tempo, a ultrapassa por considerar que as perspectivas não são privilégio disto que denominamos de consciência. Para lembrarmos: as perspectivas são interpretações das vontades de potência. Se, ao invés de se enxergar a razão como autônoma e como sujeito, o ser humano entender que ele, este “ser consciente”, é mais natureza que natureza humana, descobrirá que todo o seu corpo pensa. Terá dado um passo adiante do dualismo fenomenológico e de outros dualismos. O pensamento não deixa de ser o “efeito” da troca de estímulos entre as forças. Estímulo por mais poder, por mais força. Uma força pode dar tudo de si ou pode até se compor com outras forças para um poder maior. Por que, por exemplo e como hipótese, o pensamento não poderia ser um desfecho da luta entre forças em um centro de vontades de potência intitulado “corpo humano”?

Esclarecendo mais sobre as forças...

O que entendo por forças? Elas são energias e, assim sendo, estão tanto no orgânico como no inorgânico. Por exemplo: vontade de potência é mais que a vida. Contudo, para nós, a vida tem que ser o referencial principal, pois é da perspectiva de vivente que falamos e é

dela que a tudo valoramos. Sendo assim, o “mundo humano” é de suma importância para nós, mas não devemos levar-nos ao olhar turvo de que somos o centro do universo.

Em meio a tudo isto, há pulsões, este *pathos*, esta vontade de potência no plural, que é o vir-a-ser de tudo, é o que existe sob todas as perspectivas que chamamos de “formas” e de “conteúdo”. Se a mosca é este devir, nós não somos diferentes delas. Por isso, não devemos cair na ilusão de que tudo gira ao nosso redor, em função de nós mesmos, até porque são vários os centros de forças. Não há o centro do universo. Bem... Forças, *pathos*, energia, parecem, para mim, serem sinônimos. Em minha análise, Nietzsche está para além do materialismo e, também, não é idealista. O conhecimento, como tantas outras criações, é efeito das inter-relações das forças, que são, quando inter-relacionadas, vontades de potência. Estas forças em relações tudo criam e destroem no seu eterno devir. O devir, assim eu entendo, é uma “dança” das forças.

A teoria do conhecimento em Nietzsche é, pois, uma teoria da energética. A energia, e isto é interessante também, não fala a linguagem dualista da metafísica, do aquém e do além, do sujeito e do objeto, do ser e do não-ser. Fala a linguagem do vir-a-ser. Mas, como pode haver forças no plural quando a energia parece universal, e, portanto, una? Considerando-se vários tipos de *pathos*, é possível considerar-se vários tipos de forças. Eis um passo a darmos para começarmos a enxergar melhor esta teoria do conhecimento nietzschiana. *Pathos*, paixões, forças, entram em conflito, ou se quisermos, as pulsões estão se chocando o tempo todo, ou, ainda, que há busca de forças por mais energia, por mais potência, como afirmamos anteriormente. E, se tudo é plasmado pela energia, tomaremos a arte como sendo, também e por excelência, uma perspectiva de interpretação das vontades de potência, que Nietzsche caracteriza como artes plásticas ou arte apolínea e arte sonora dionisíaca (fluida, musical), ambas em constante relação no que chamamos de mundo e de existência. Portanto, o conhecimento, em Nietzsche, passa a depender da arte porque ele tem que expressar o apolíneo e o dionisíaco. E, na arte, o perspectivismo remete ao sentimento de todas as formas de organização das vontades de potência e sua interminável mudança com base no teor dionisíaco das mesmas vontades de potência. Arrisco dizer que conhecimento é arte, em primeiro lugar. Não há lugar para nenhum tipo de conhecimento fora da arte, sendo ela plástica ou fluida, é sempre arte que é interpretada, que interpreta e que provoca interpretações, tantos quantos pontos de vista sobre ela forem necessários.

Qual a importância do conhecimento / arte? O conhecimento e sua associação com o intelecto é um tema recorrente na filosofia, visto que, em nossa pequena razão, um, o

conhecimento, não acontece sem outro, o intelecto, e com precedência para este último. O intelecto, supervalorizado ao longo da história, é o “mestre dos disfarces” no que tange aos mais fracos da natureza, para estes, os mais fracos, terem, através daquele, o intelecto, a sua própria sobrevivência... Ou não. É o intelecto que faz todas as armações necessárias para que haja a conservação da vida e um encontro de sentido para ela, em se tratando de conservação da vida humana, é claro. Contudo, ele não faz isto sem destruição. Ainda assim, de todos os seres, o ser humano é o mais frágil e, por conta disto, é nele que se desenvolveu o intelecto, a sua arma para sobreviver. A natureza toda pensa enquanto vontades de potência. A consciência, porém, não deixa de ser uma variável do instinto de conservação, o qual existe em outros animais. O que me parece é que o engano oferece condições para o nosso viver. E o engano é uma interpretação artística também. Conhecimento como engano...

Nietzsche está valorizando a nossa vida e, neste viés, valorizando o nosso artista, isto é, o nosso intelecto, capaz de possibilitar o que em nós é imprescindível para vivermos. É que é do nosso costume valorizar a verdade em detrimento da mentira, o que, inclusive é próprio da moral e até com relação ao bem e ao mal. Ora, pergunto, o que separa a verdade (bem) da mentira (mal)? A nossa força criadora, nossa vontade de verdade, nossa vontade de engano, nossa pluralidade enfim e que teimamos dualizar. Somos nós os separadores. Neste caso, é preciso repensarmos nosso papel de avaliadores. Na minha interpretação, estamos para além de verdade e mentira, ou quem sabe, como diria o próprio Nietzsche: para além de bem e mal (porque são necessárias novas tábuas de valor). O que sabemos, então, de “causa e efeito”, só para lembrarmos o início de tudo em se tratando de física?

Há, aí, uma outra conexão a ser trabalhada, e que se dá entre conhecimento e verdade. Como podemos conhecer a verdade? Não podemos, a não ser enquanto interpretação da própria vontade de potência. Conhecer, neste caso, está para além do intelecto. Mas, para se firmar em seu intelecto, o ser humano inventou o contraste entre verdade e mentira a partir da perspectiva de sua pequena razão. Verdade passou a ser sinônimo de convenção e mentira, de contravenção. Em seu conhecimento, o ser humano não quer errar. Pela idéia de culpa, que nisto está introjetada, o homem nega a vida que, de vários pontos de vista e, portanto, não só do filósofo, pode ter o erro entre suas condições. O ser humano quer criar uma vida sem erros e chamar isto de perfeição. Mais um dualismo se faz presente, o da perfeição contra a imperfeição, além de um outro famoso que já delineamos, o de causa e efeito, assim como o de verdade e mentira.

Será que o conhecimento busca o “perfeito”? Será que verdade é perfeição? Será que a verdade é verdade? Será que a verdade “é”? E que verdade é esta, diante do perspectivismo? Seria causa? E quanto à presença da “verdade” na linguagem? Ora, se a verdade dá-se, comumente, por expressão lingüística, em que lugar ela ficaria? Em que língua? Isto, acaso, não serviria também para a nossa noção de causa? Enfim... Não há verdade, o que existe são convenções de diferentes culturas e na forma de línguas. São muitas as perspectivas. Quanto pior é tratar, assim, de uma verdade universal. Ao invés da verdade, há, quem sabe, apenas sensações e nada mais. Mas, vejamos que, aos poucos, a “verdade” dominou o cenário...

O conhecimento e a verdade guardam uma ligação perigosa e esta ligação é feita pela palavra, um movimento de relações de forças ligadas a outras relações do que chamamos de “consciência”, a qual resulta de estímulos em nós, dentro e fora do nosso corpo. Mas, é do estímulo nervoso que surge esta tal “consciência”. A crítica do filósofo é a de que a verdade não pode ser referencial na linguagem e que, portanto, a linguagem está para além do que é convencionalizado como verdade. A linguagem também não esgota todas as perspectivas e nem é a expressão adequada de todas as realidades, muito menos causa ou efeito. O que é, senão relações? Relações de forças, energias ou *quantum energéticos* em combate. Mas, votando ao modo de Nietzsche fazer suas colocações, as faz em forma de pergunta, de questionamento, que já possuem nelas próprias a resposta do que ele pensa sobre o assunto: nem causa e nem efeito, aqui também neste caso, o filósofo age coerentemente.

Afinal, retomando a questão da verdade, por que o ser humano a procura? Porque odeia os efeitos nocivos de certas espécies de ilusões. O problema não é o engano ou ser enganado, mas o efeito que um engano pode trazer para a vida. Verdade e Mentira é questão de conservação da vida e, nisto, não se diferem uma da outra.

E o que dizer da lógica, já que estamos tratando, na teoria do conhecimento de Nietzsche, da questão da verdade mediante tantas perspectivas? Em se falando de conhecimento, costumamos tratar de lógica. Mas, e se a lógica quiser se basear num princípio de não-contradição, como queria Aristóteles? O que pensar deste mundo de contradições em que vivemos? A lógica, o instrumento do bem pensar, é um dos princípios que Nietzsche denominava de “vontade de engano”, o que também costumamos não aceitar. “Mas a tendência predominante de tratar o que é semelhante como igual – uma tendência ilógica, pois nada é realmente igual – foi o que criou todo o fundamento para a lógica” (NIETZSCHE, §111, 2001). E Nietzsche vai além em seu raciocínio ao tratar que aqueles que promoveram o ser, levaram vantagem sobre os que enxergavam o fluxo de todas as coisas. Penso que, desta

nossa tendência de buscar a essência, o que permanece, é o que vem no quadro lógico de nossa epistemologia, de nossa ciência, de suas causas e efeitos. E esta nossa necessidade de querer catalogar as coisas e nivelá-las conceitualmente acabou construindo o igual que não existe e que Nietzsche critica. Nesse ponto, voltamos à noção de conceito como algo universal e criticado pelo filósofo.

Ora, se usamos o ilógico para fundar a lógica, usamos a contradição para erigi-la e, depois, desprezamos este próprio fundamento. Como? Está cristalizada em nós a busca pela essência, pela substância. Por que, então, elevar a lógica na ciência? Porque ela é constituída, ainda que não tenhamos noção disto, em um tipo de “redoma” para nossa proteção. Mas, corremos um risco de não compreendermos a vida. O próprio Nietzsche explica melhor: “Todo elevado grau de cautela ao inferir, toda propensão cética, já constitui em si um grande perigo para a vida” (NIETZSCHE, §111, 2001). A mentira do conhecimento, da delimitação de saberes, é necessária à vida. O erro torna a vida possível. Uma vida só pode ser concebida enquanto ilusão entre ilusões, entre perspectivas que se relacionam. Conhecer, então, é relacionar-se com perspectivas e enquanto perspectivas, interpretações que nos escapam, forças da “pequena razão” e da “grande razão” enquanto vontades de potência... E nada mais!

Bem a fundo, que há por trás da procura pelo conhecimento? O anseio pela segurança, pela paz, pelo bem viver moral. Ora, o homem quer a paz, mas a natureza é guerra. Ao querer a paz, o ser humano pretendeu e pretende a verdade como fornecedora desta paz, em uma harmonia moral. Conhecimento, verdade e paz: uma trilogia da sobrevivência e uma trilogia ética. Conhecer também é ter o controle sobre o que se conhece, o que transmite a sensação de paz e uma postura de se poder ditar a verdade e viver eticamente. Ora, quem se apega demais à sua verdade, não a vê como uma perspectiva e sim como “a” perspectiva. É quanto a tal posicionamento que o perspectivismo de Nietzsche representa uma ameaça. O filósofo, como “epistemólogo”, põe em dúvida o próprio conhecimento, traz a desestabilização ao círculo onde muitos se sentem em segurança. Ele subverte uma ordem de forças e estabelece outra. Assim acontece com as vontades de potência, naquilo que denominamos corriqueiramente de cosmo, isto é, criação e destruição incessantes, o devir.

A crítica e a ironia de Nietzsche contra o “ratiocentrismo”, contra a razão no centro das atenções está presente a todo momento, pois a “pequena razão” não se percebe devida em meio a todo devir das forças e destas em relações as mais diversas. Nietzsche sempre aponta para a falta de conhecimento do homem e sua condição na natureza, no cosmo. A invenção do conhecimento é a invenção de uma mentira, porque a própria razão não se

conhece em sua pequenez. Onde está a grandeza da razão? O que é grande no homem é ele ser uma ponte entre o animal e o além-do-homem (Cf. NIEZSCHE, p. 11, 1985). Porém, se ele tem o intelecto, não é para se prender a ele como centro. Nietzsche não acredita em centro, em antropomorfismo, mas em outras perspectivas. É preciso mais que conservação da vida e na vida. É necessário sempre uma superação, sempre uma nova vida. Nisto, vemos que o *além-do-homem* não está mais, como o homem, em busca de um sentido para a existência. Também não se refugia em outro mundo, no além. O *Übermensch* – *além-do-homem* – é forte, porque consegue dizer sim à vida como ela é aqui e agora e, a partir disto, é capaz de criar novos valores para si, ele é um “novo homem”, um homem que se superou porque criou uma nova moral. Ele é forte, também, porque, se tivesse que viver infinitas vezes sua experiência vital, ele o faria. Arrependimento e ressentimento não fazem parte do vocabulário do *além-do-homem*, pois ele olha para si como olha para a natureza e reconhece nela as vontades de potência. O conhecimento, no *além-do-homem*, toma as dimensões do perspectivismo, de interpretações-devir.

Poderíamos arriscar mais: sem o perspectivismo não há vida. O que para alguém não é nada relativo, a sua própria perspectiva, é também um engano. Engano necessário. Porém, de novo chamo a atenção para não misturarmos relativismo e perspectivismo nesta reflexão. O erro não está na diferenciação entre relativismo e perspectivismo, mas no fato da perspectiva ser tomada como verdade. Penso que podemos viver com a “certeza” de nossa perspectiva, tão cara a nós... O que não exclui o engano que não aceitamos. E quanto mais não nos considerarmos criadores, artistas, mais estaremos expostos a não assumirmos a nossa perspectiva como erro necessário. Mas, é preciso ficarmos atentos que, em Nietzsche, a “aparência” não é o oposto de nenhum “ser real”. Isto é fundamental para compreendermos que não há dualismos no filósofo. Nietzsche não pretende cair na armadilha kantiana de colocar a razão para legislar em causa própria, que é aquilo que, comumente, acontece.

O que penso é que Nietzsche traz o perspectivismo como a grande contribuição para que o ser humano enxergue além de seu próprio umbigo. O leque de percepção tende a aumentar e a própria verdade é colocada em questão e, também, uma filosofia moral é colocada em ação.

Aquilo que já está fixado entre nós, precisa ser questionado. Outras perspectivas devem ser colocadas diante do que é visto como verdade. Discute-se, nisto, o valor que as palavras e os conceitos carregam como “verdade”. Chega-se à pergunta de como a verdade transformou-se em verdade e, para esta pergunta, o próprio Nietzsche tem uma resposta. A

verdade é veiculada como “metal” e não mais como “moeda”, ela não tem valor como verdade porque esta é ilusão e mesmo o seu valor como ilusão caiu em desuso, ou seja, a verdade é, apenas, um conceito em uma palavra e sua “causa” é antropomórfica, motivo para toda esta construção, o que não pode ser esquecido, porque, do contrário, corremos o risco de nos aproximarmos, de novo, da noção da “coisa em si”, o outro absurdo, o absurdo metafísico, segundo o filósofo. Por isso, se tudo está em relação neste universo, nada pode ser “em si”. Além do que, dentro de um suposto “em si”, há relações de forças que ora se mostram de um modo, ora de outro, conforme a disposição das relações entre estas mesmas forças. São as ditas “organizações” das vontades de potência.

A definição, que tem como lastro a verdade, é uma perspectiva humana, muito humana. Quando, usualmente, se fala em verdade, a impressão transmitida é dela “em si”, o que não existe. Como dizia o filósofo, é uma ilusão. E o valor de uma constatação é limitado ao ser humano. O que se pretende como um conceito universal já é o domínio de uma perspectiva sobre outras. Tudo não passa de relações humanas via relações de forças. O esforço pela definição é o esforço pelo conhecimento, porém até que ponto se conhece infinitas variações de tudo, isto parece estar longe da ambição humana do conhecimento. Nietzsche, em sua percepção, faz-nos notar até que ponto chega a nossa “verdade”. Ele não nega uma constatação, mas ela sempre será um antropomorfismo.

No meu ponto de vista, Nietzsche chama a atenção para o uso inadequado que o ser humano faz de sua pequena razão ao considerá-la como o centro de tudo. Ele não é um “irracionalista” como muitos o denominam. Apenas compreende a razão como algo maior, além desta nossa pequena razão. O filósofo sabe, e muito, da importância da consciência para o homem, mas sabe também que ela ofusca o olhar humano, tornando-o míope e claudicante de mais e maiores perspectivas. A crítica dele é a de que o ser humano quis enquadrar a natureza dentro de sua mente, quando é ele que está na natureza e como natureza. Deste modo, enfático, que mais que natureza humana, Nietzsche prefere usar somente o termo natureza.

Agora... Tocando novamente no assunto do relativismo: como muitos dizem que o perspectivismo é um relativismo? Será mesmo que Nietzsche relativiza tudo? O verbo “relativizar” é perigoso também, porque nenhuma afirmação poderia ser feita sem cair em descrédito. E existem condições em que aquilo que está em jogo não é a crença, é a experiência. “De todo o escrito só me apraz aquilo que uma pessoa escreveu com o seu sangue. Escreva com sangue e aprenderá que o sangue é espírito” (NIETZSCHE, p. 30-32,

1985). Aquilo pelo qual uma pessoa passou, é muito caro a ela. Uma experiência bem particular não pode ser relativizada para quem a experienciou. Escrever, por exemplo, daquilo que se viveu, tem legitimidade para Nietzsche, tem um valor, inclusive, moral. Porém, mesmo que alguém escreva “com sangue”, ainda assim a sua experiência nunca será a única. Será ímpar para si e não para outrem, a não ser que ambos tenham passado pelas mesmas condições. Ainda assim, cada ser humano jamais poder ser igualado a outro, por mais que a proximidade os garanta como espécie humana. A organização das vontades de potência em um centro de forças, nunca é a mesma que em outros. Aliás, dentro de uma única pessoa, são muitas as forças que se relacionam; daí, ser difícil também falar em “indivíduo”. “ [...] nosso corpo é uma estrutura social de muitas almas” (NIETZSCHE, §19, 1998a). Mesmo assim, a experiência de “uma” pessoa, digo da “singularidade”, é sempre levada em consideração em sua própria dimensão ética.

Nietzsche compreende o caráter da pequena razão e seu “efeito” chamado “eu”, porém deixa claro que o que impera em nós é a pluralidade de forças. Isto não desmerece a idéia anterior da experiência, pois continua sendo experiência, também, de uma multiplicidade dentro de um centro de forças. O que está em questão é o caráter sensível que resulta no espírito, o qual se faz “com sangue”. Penso que, mesmo alguém se abrindo a outras perspectivas, na relação com outros, não relativizará a sua vivência. Ela terá um valor próprio de quem a experimentou e avaliou. Não relativizará no sentido de desprezá-la enquanto sua perspectiva. É possível ver outros pontos de vista sem renunciar ao próprio, até porque podem ser muitos os pontos de vista sobre uma mesma coisa. No mínimo, este posicionamento impede que se fique olhando para o próprio umbigo, como já vimos. Claro que existem pessoas para as quais o mundo gira ao seu redor ou que querem se fazer o centro das atenções. Enxergam o mundo a partir de suas parcas perspectivas e não se abrem a novas relações. É o estado de contranatureza, além de ser desprezo às outras perspectivas e um modo de absolutizar a própria perspectiva. Mas, não seria natural como conservação da espécie? Parece-me que a superação é que é natural e, fechar-se em si mesmo, dificulta a superação.

Após estes esclarecimentos, é possível separarmos perspectivismo de relativismo, se bem que existe uma abertura para o mesmo e é fácil cair nisto, por isto mesmo é necessário cuidado com o “relativismo absoluto”. O perspectivismo, no meu entendimento, é termos inúmeros olhares sobre uma mesma coisa, porém sem perdê-la de vista. Do contrário, este espaço de conhecimento mais amplo perde-se em um vazio. Para mim, a má compreensão a respeito do perspectivismo pode levar-nos a um niilismo, no qual nenhuma perspectiva é

válida. Aí, então, onde fica aquele “escrever com sangue”? Por isto, modos de interpretação não relativizam a interpretação como força criadora e destruidora de tudo. Em qualquer perspectiva, neste sentido de visão, sempre está presente a interpretação e presente como necessidade biológica e teórica. Tudo é interpretação. Por isto, para Nietzsche, alguém que consegue aderir intencionalmente à ilusão, é um tipo superior de homem. É necessário ter-se uma referência, ainda que se saiba que ela é uma ilusão.

Para Nietzsche, uma mente forte deveria ser capaz de sua natureza fictícia. E, nas reflexões que faço sobre perspectivismo e relativismo, diferenciando-os, cabe afirmar que mesmo a ficção não é nada relativa como perspectiva, porque é, acima de tudo, uma ficção vivenciada. Portanto, em se tratando de ficção, o mesmo vale para o que outrora tratamos como “causa e efeito” na ciência, na física, em específico. Ou será que poderíamos perguntar: qual física?

Mas, o que vale para nós é que o conhecimento está intrinsecamente ligado à vida, mas isto não significa dizer que a vida está sujeita ao conceito, por exemplo. Até porque a vida não é um conceito. Ela o cria; e o perspectivismo, enquanto teoria do conhecimento, deixa isto claro. E, em termos de relações de forças, por que as interpretações são necessárias às vontades de potência? Devido ao teor artístico destas mesmas vontades de potência, como já vimos no conhecimento / arte. O teor criador. São esquematizações que se fazem presentes e em grande quantidade. As perspectivas são muitas, por conta da criatividade. E, neste recorte, como a vida pode servir de parâmetro ao perspectivismo? Pelo seu vir-a-ser. Vida enquanto vontades de potência, forças inter-relacionadas. As interpretações das vontades de potência enquanto a plasticidade e o movimento das artes apolínea e dionisiaca. É por isto que tudo o que existe é interpretação. A existência está interpretada de várias maneiras pelas forças que se relacionam entre si. De uma certa forma, é possível afirmar de Nietzsche que ele estabelece uma visão reguladora do cosmo. O interessante, entretanto, é que ele não elimina o caos em sua epistemologia, porque o caos faz parte do processo de formação dos centros de forças. Eis algo que não nos é comum e que é um diferencial que estou tentando trazer com este pequeno artigo.

Considerações finais:

A tentativa de escrever sobre uma teoria do conhecimento em Nietzsche a partir da sua concepção de vontade de potência e do seu perspectivismo remonta a antigas reflexões

minhas sobre os escritos do filósofo e das discussões acadêmicas junto a colegas de várias universidades. Portanto, uma consideração a ser feita é a de que, na realidade, meus estudos sobre o assunto estão, apenas, pontuados neste artigo. Tal empreita é parte de algo maior, daquilo que já tenho por escrito durante meus anos do mestrado, do doutorado e do pós-doutorado, material sobre o qual ainda me debruço em minhas pesquisas filosóficas.

Outra consideração a ser enumerada é a de que apresentar uma “teoria do conhecimento” que critica o próprio conceito, a metafísica mesma da gramática e de toda língua e/ou idioma, traz à tona universos culturais tão plurais e tão em movimento, em mudança, em transformação, que se torna difícil encontrar lugar para esta teoria do conhecimento, digamos, com base em tudo o que é deveniente, e, mais ainda, a partir de uma leitura que está acostumada a voltar-se para uma razão que se concebe como centro de todo e qualquer conhecimento, isto é, de um *logocentrismo*, mas também de um antropocentrismo. As próprias universidades não concebem nenhum tipo de conhecimento que fuja do seu controle “científico”. A própria filosofia, não raras vezes, é confundida com a ciência.

Uma outra consideração é a que se dá no campo da fé religiosa, em que o homem não deve conceber nada fora da revelação divina, pois isso questionaria uma espécie de conhecimento supremo. Para alguns filósofos existem até esforços de uma conciliação entre razão e fé. Todavia, a questão aqui posta, de uma teoria do conhecimento com base no devir e na teoria das forças, não condiz com nada que se reduza ao que, comumente, se entende por razão e fé. Ainda que certos estudiosos falem em “doutrina da vontade de potência”, sabemos que o próprio Nietzsche não se fecha o suficiente para um sistema, nem mesmo para o “dele”. Isso “quebraria” o próprio perfil da sua filosofia dionisiaca, repleta de “devires”.

Deste modo, uma teoria do conhecimento com base, enfim, na filosofia perspectivista e dionisiaca, requer posturas menos preconceituosas em relação a tudo aquilo que ofereça perigo ao que está estabelecido como ciência... Quem sabe, até, ao que está estabelecido enquanto “religião”, no aspecto mais comum da palavra. Não podemos esquecer que uma teoria do conhecimento nietzschiana é uma teoria que não está interessada em manter cristalizações conceituais, teóricas em geral, para tornar possível um dado “congelamento” do conhecimento, “congelamento” sem o qual a própria ciência, por exemplo, ficaria inviabilizada. Talvez não seja o caso das denominações religiosas, apesar de ambas caírem do problema levantado durante a escrita deste artigo sobre a questão da “verdade”. Por isso, é bom lembrarmos que determinadas mudanças na história da ciência, e mesmo entre denominações religiosas, levaram séculos para vingarem. Isto significa que precisamos

considerar que nem tudo ocorre rapidamente no eterno movimento de tudo o que existe e que, de outras formas, chamamos de devir, de vir-a-ser contínuo e assim por diante.

Por último, faço a consideração de que “a sorte está lançada”.

Referências utilizadas no artigo (direta ou indiretamente):

- Das obras de Nietzsche, citei parágrafos ao invés de páginas, pois convém mais à Convenção Internacional Colli/Montinari. A exceção, isto é, citar apenas páginas, fiz em **Assim Falava Zaratustra**, um livro que não trabalha com parágrafos para os aforismos.

- Obra de Santo Agostinho referenciada:

AGOSTINHO, A. **Confissões**. Trad. Pietro Nasseti. Introdução de Mauro Araujo de Sousa. São Paulo: Martin Claret, 2002. ISBN 85-7232-484-4.

- Obra organizada por Adauto Novaes:

NOVAES, A (org.). **Ética**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. ISBN 85-7164-210-9.

- Obra de Schopenhauer utilizada:

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação (primeiro tomo: quatro livros, seguidos de um apêndice que contém a crítica da filosofia kantiana)**. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005. ISBN 85-7139-586-1.

- Obras de Nietzsche utilizadas para consulta:

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2001. ISBN 85-359-0147-7.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. 2. ed. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1998a. ISBN 85-7164-267-2.

_____. **Así habló Zaratustra**. Introducción, traducción y notas de Andrés Sánchez Pascual. 1.ed. rev. e 6. reimp. Madrid: Alianza Editorial, 2003. 84-206-3319-4.

_____. **Assim Falava Zaratustra**. Trad. Eduardo N. Fonseca. São Paulo: Hemus, 1985. ISBN 85-2890-064-9.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. 3. ed. Trad. Delfim Santos Filho. Lisboa: Guimarães Editores, 1996. ISBN 972-665-064-X.

_____. **Ecce homo: Cómo se llega a ser lo que se es**. 9. ed. Trad. Andrés S. Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1985. ISBN 84-206-1507-2.

_____. **Ecce homo: Como alguém se torna o que é**. 2. ed. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. ISBN 85-7164-490-X.

_____. **Fragmentos finais**. Trad. Flávio R. Kothe. Brasília: UnB. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. ISBN 85-230-064305.

_____. **Genealogia da moral: Uma Polêmica**. 4. reimp. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 1998b. ISBN 85-7164-823-9.

_____. **Introduction à la lecture des dialogues de Platon**. Trad. Olivier Berrichon-Sedeyn. Paris: Éditions de L'Éclat / Combas, 1991. ISBN 2-905372-49-4.

_____. **La genealogia de la moral: un escrito polémico**. 8. ed. Trad. Andrés S. Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1984. ISBN 84-206-1356-8.

_____. **(Obras Incompletas)**. 3. ed. Seleção de textos: Gérard Lebrun. Tradução e notas: Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio: Antônio Cândido. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Os Pensadores). ISBN 85-13-00857-5.

- Obras de comentadores de Nietzsche em língua portuguesa:

GIACIOIA JR., Oswaldo. **Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997 (Coleção Repertórios). ISBN 85-268-0413-8.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. **O “Zaratustra” de Nietzsche**. 3. ed. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. ISBN 85-7110-165-5.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal. São Paulo: Paz e Terra, 1999. ISBN 85-7038-007-0.

_____. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. ISBN 85-7110-400-X.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. ISBN 85-7041-210-X.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Trad. Oswaldo Giacoia Jr. / Apresentação: Scarlett Marton. São Paulo: Annablume, 1997. ISBN 85-85596-85-6.

- Obras de comentadores de Nietzsche em língua estrangeira:

CONILL, Jesús. **El poder de la mentira: Nietzsche y la política de la transvaloración.**

Madrid: Editorial Tecnos, 1997. ISBN 84-309-3077-9.

DANTO, Arthur C. **Nietzsche as Philosopher: an Original Study.** New York: Columbia University Press, 1980. ISBN 0-231-13518-1.

LEFEBVRE, Henri. **Nietzsche.** Trad. Ángeles H. de Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. ISBN 968-16-1932-8.

MOREL, Georges. **Nietzsche: Introduction à une première lecture.** Paris, Aubier, 1985. ISBN 2-7007-3099-2.

SCHACHT, Richard. **Nietzsche, Genealogy, Morality: Essays on Nietzsche's Genealogy of Morals.** Los Angeles: University of California Press, 1994. ISBN 0-520-08318-0.

- Revista utilizada:

MACHADO, Roberto. Deus, Homem, Super-Homem. In: **Kriterion.** Revista de Filosofia. Belo Horizonte. ISSN 0100-512X: UFMG, 1994, vol. XXXV, número 89.